



CIÊNCIAS HUMANAS

Formação Docente: um processo permanente e atual***Teacher Training: an ongoing and current process***Aline Silva De Bona¹; Glaucia Marcon²; Silvana Pires Silveira³; Silvana Medeiros⁴**RESUMO**

O trabalho é uma reflexão teórico-prática sobre uma atividade proposta em um Curso de Extensão no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Osório. O curso, voltado para a formação docente, busca discutir muitos temas relevantes na área da Educação, e por fim que cada professor consiga responder a pergunta: O que é ser ou fazer formação docente? Com o objetivo de compartilhar o que pensam os professores e como entendem a ação de formação docente, o estudo delinea-se como um estudo de caso e se propõe a analisar as respostas obtidas com os professores cursistas. Essa análise se encontra fundamentada em estudos que compreendem a aprendizagem como um processo construtivista, dialogado e complexo, segundo Piaget, Freire e Morin. Alguns resultados apresentados são a solicitação dos professores por formação docente, a necessidade de supervisão escolar como um elemento transformador na sala de aula e a carência da formação da graduação de um licenciado quanto a realidade de aula. Esses resultados parecem indicar que a formação docente é mais do que fazer, mas sim ser.

Palavras-chave: *professores; escola; sala de aula; prática docente*

ABSTRACT

This study consists on a practical and theoretical reflection on an activity proposed at an extension course promoted by Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Osório. The course, devised for teacher training, aims at the discussion of several relevant themes in Education and that each teacher can answer the question: What is teacher training: something we are or something we do? With the purpose of sharing what the teachers think and how they understand the action of teacher training, the study is outlined as a case study and intends to analyze the answers obtained from them as a process that is constructivist, dialogued and complex, as per Piaget, Freire and Morin. Some of the results presented include teachers asking for teacher training programs, a necessity for school supervision as a transforming element in the classroom and the lack in teachers' education regarding the reality in the classroom. These results seem to indicate that teacher training is more than something someone does, but more what someone is. teachers participating in the course. This analysis is supported by studies that understand learn.

Keywords: *teachers; school; classroom; teaching practice*

¹ IFRS - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Osório/RS - Brasil.

² Escola Estadual General Osorio, Osório/RS – Brasil.

³ Núcleo de Tecnologia Educacional (11ª CRE), Osório/RS – Brasil.

⁴ Escola Estadual General Osorio, Osório/RS – Brasil.

1. INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço cada vez mais complexo, pelo simples fato de ser um espaço da nossa sociedade em permanente processo de transformação. Assim, a escola é um lugar mutante, no sentido de que precisa estar sempre se transformando e adaptando e os professores e educadores são então os gestores, organizadores, analistas das ações que ocorrem no espaço sala de aula e escola, pensando, planejando e sonhando com o processo de aprendizagem, cada qual na sua área do conhecimento, mas com elementos norteadores comuns, conforme Bona e Paravisi (2016); Bona (2012).

Diante desse cenário, a formação docente⁵ é emergente, e deveria ser uma ação ou uma prática permanente e atual, no sentido de que ela seja proporcionada com uma frequência mensal e in situ, nas próprias escolas, organizada por área do conhecimento, ou por ano escolar, ou por outro critério que a escola estabeleça com seus professores e educadores em geral. Paralelamente podem ocorrer momentos maiores cuja frequência poderia ser semestral, por exemplo, com temáticas para todos, conforme sugerido por doze participantes do curso no qual este estudo se baseia.

Nesse sentido que o artigo pretende compartilhar um conjunto de reflexões trabalhadas em uma das atividades do curso de extensão com os professores, pelo primeiro fato de que alguns professores sentiam-se muito envolvidos com as discussões e apontavam necessidades quanto a saber mais dos teóricos por exemplo, e outros pareciam se renovar nos encontros pelo simples fato de visualizar que a sua realidade e dificuldade de sala de aula é também de outros colegas. Paralelamente todos comentavam sempre na saída dos encontros de que eles gostariam muito de ler artigos com vivências como as aqui construídas.

Para Morin (1999), a formação docente consiste em uma prática que deve ocorrer continuamente e se faz necessária para a formação dos professores primeiramente durante o curso superior e depois para a sua sala de aula. As dificuldades de um professor em sala de aula podem ser de todos, e compartilhar soluções ou tentativas de solução pode ser salutar ao profissional. E ainda para este autor a formação docente cria um espaço de reflexão e criatividade ao docente para que ele pense e cria sua sala de aula por meio de um planejamento mesmo que seja primeiramente apenas de ideias, mas que depois em casa ele reforce, reformule, organize e cria a ação para a sala de aula, com meios e formas específicos para sua disciplina.

Além disso, Freire (1996) afirma que o diálogo permanente entre professor e estudantes estrutura uma ação de sala de aula mais sólida, pois um ajudará o outro no seu trabalho, o professor de propor sua atividade com resultado e o estudante de aprender de forma a entender o que e porque aprende com determinada atividade.

Articula-se a complexidade do mundo e as incertezas como Morin (1999) aponta ao processo dialogado de Freire (1996) para a sala de aula num processo de aprendizagem que geralmente é organizado, planejado e orientado pelo professor. Processo de aprendizagem que, segundo Piaget (1973), é colaborativo entre professor e estudantes, e depois com a apropriação dos pares, os

⁵ Adota-se a expressão Formação Docente por ser o título do projeto de extensão em que o estudo se fundamenta, e por duas das estudantes-participantes terem trabalhado nesta votação do título, pois outros nomes surgiram como ilustra-se: Momentos de Reflexão, Curso de Capacitação Docente. E a maioria dos demais participantes sem ser estas duas estudantes interpretaram que a expressão Formação Docente contempla a ação de proporcionar a formação reflexiva do docente de sala de aula.

estudantes, torna-se cooperativo, pelo simples fato de que, atualmente, a interação e trocas entre os estudantes é mais intensa e densa quando eles estão mobilizados com o seu processo de aprendizagem, conforme Bona (2012).

Então, diante desse cenário, delinea-se a questão O que é ser ou fazer formação docente? - a ser refletidas por professores e educadores em geral que atuam na Escola Básica presentes num curso de formação docente, denominado por Formação Docente: Desafios e Reflexões, oferecido pelo IFRS – Campus Osório, com 30 vagas, de março de 2016 até novembro de 2016, com um encontro presencial mensal e atividades de compartilhamento via e-mail e mensagens usando-se o aplicativo para smartphones, Whatsapp®. Tal curso é organizado em dez encontros polêmicos que norteiam os atuais desafios da Escola Básica independente de área do conhecimento ou ano que atua, como exemplifica-se: Socialização, Projeto de Aprendizagem, Temas Transversais, Tecnologias Digitais, Didática e Metodologia de Sala de aula, entre outros.

A questão supracitada emerge das falas desses participantes nos encontros do curso, pois a maioria divide-se entre pensar que a formação docente é uma ação inerente do professor então se explora o ser da pessoa, do profissional; ou essa formação é parte do trabalho docente e deve ser proporcionado para se fazer. Inicialmente parecem ser ideias que não se interligam ou até se opõem, mas não, são visões dos professores baseadas em suas experiências, estudos e vivências. As duas posições/falas dos professores acabam convergindo para a mesma finalidade que é a necessidade da formação docente permanente para que o professor aprimore o seu fazer docente e proporcione um espaço de aprendizagem aos estudantes. Além disso, esses professores entendem que o ser e o fazer estão conectados na prática docente. No entanto, o que fica evidente e bem distinto é que, de um lado, tem-se um grupo que considera que é sua a responsabilidade de buscar essa formação, mesmo quando ele não lhe é oferecida e outro grupo pensa que é inviável que, com toda a demanda da Escola Básica, o professor consiga encontrar tempo para capacitar-se em formação docente se num primeiro momento sua gestão imediata, direção de escola, não oportunizar tais momentos de formação.

Partindo-se dessa divisão de ideias que se constrói a atividade para que todos respondam a questão baseados nas particularidades de cada área, por exemplo, da matemática e da letras, citam e comentam em aula teóricos diferentes sobre educação. Mas quando compartilham os professores percebem que todos buscam melhor o espaço de sala de aula seja de forma individual ao fazer a atividade e depois compartilha com os colegas por e-mail para que todos contribuam com sugestões e reflexões. Desses textos delinea-se aspectos comuns e diferentes das reflexões de sala de aula de cada área do conhecimento.

Com isso em mente, o artigo organiza-se primeiramente pela introdução que descreve a mobilização que deu origem ao trabalho, em seguida um aporte teórico sobre formação docente e a metodologia de ação do curso de extensão. Depois as respostas dadas à atividade proposta e sua análise, considerações finais e referências bibliográficas.

2. A FORMAÇÃO DOCENTE

O aporte teórico adotado para a análise das falas dos participantes do curso de formação docente supracitado e para a compreensão das respostas fornecidas pelos professores à atividade proposta como uma pergunta a ser respondida como dialética são contempla três elementos – diálogo,

processo de aprendizagem, e complexidade e incerteza. Esses conceitos são descritos na obra os autores Paulo Freire (1996), Jean Piaget (1973, 1977), e Edgar Morin (1999), respectivamente.

Entende-se formação docente neste trabalho como um momento de troca de experiências e saberes, segundo Bona (2013), pois o professor tanto precisa entender-se como profissional e, então, daí se renovar, como ele precisa fazer na sua prática, em sala de aula, atividades e ações que o despertem para a mudança, mesmo que seja através da apatia dos alunos quanto a uma atividade proposta, pois talvez diante dessa situação ele sintam-se mobilizado a buscar novas formações para construir aulas diferentes aos seus estudantes, como sugere Bona (2012).

Pensando nesse espaço de formação docente percebe-se um processo de aprendizagem gradual e permanente baseado ora na necessidade e ora na curiosidade do professor quanto a sua área do conhecimento, ou ao perfil da turma, ou as demandas sociais, ou outros elementos que norteiam a nossa sala de aula. Ao identificar um processo de aprendizagem reflete-se que o professor é um estudante permanente e que é alimentado pelos mesmos anseios que os seus estudantes, conforme Freire (1996). Diante disso, o diálogo é a ferramenta de trabalho do professor com ele mesmo e com seus estudantes, pois é ela a mola propulsora para a libertação dos sujeitos. E vale acrescentar que essa ação precisa sempre ser falada, e dita, e escrita muitas vezes para ser entendida, ouvida e tornada em ação, para um bem do ser com o mundo, seja o professor, o estudante, e para muitos na escola, de acordo com Freire (1996).

Analisar os momentos de reflexão docente como pausas para aprender, ou, mais, espaços para se desenvolver uma curiosidade, ou ainda, se viabilizar momentos de autoconstrução para uma prática formativa e reflexiva é pensar na formação docente como um permanente processo de aprender a aprender, por Piaget (1977), pelo fato da autodescoberta de si, da situação e dos demais. Tal vivência é importante ao professor que muitas vezes está formado há muito tempo e com poucos momentos que oportunizem uma de formação docente, ele fica centrado em si mesmo e nas suas ideias e pensamentos.

O mundo está cada vez mais complexo e mutável, pois uma certeza de hoje é uma dúvida de amanhã. As incertezas quanto a quase todos os elementos da vida caracterizam esses tempos de tecnologias e progresso acelerado (MORIN, 1999), mas paralelamente todo esse medo do incerto é também uma mola de movimento à ação, pelo fato de que o não saber hoje e também amanhã perturba a ponto de eu ter de ir ao encontro de uma solução mesmo que agora não a conheça claramente.

Essa situação parece acontecer muito aos professores nos dias de hoje, por exemplo, quando se constrói uma atividade para uma aula com a finalidade de proporcionar um momento de curiosidade e aprendizagem, e o que de fato ocorre é uma empatia dos estudantes, pois, por exemplo, a atividade é toda de copiar e escrever no caderno, mas eles questionam o professor: "Professor, e não podemos usar o celular? E o computador?". Diante disso, o que fazer? Buscar algo, por exemplo, ler sobre como fazer a atividade num aplicativo de celular ou reservar o laboratório de informática na escola e construir a aula valendo-se deste espaço tecnológico, talvez, como saber ao certo, cada professor terá de refletir a esse respeito.

As incertezas e o diálogo são elementos companheiros de trabalho de todo o professor e a formação docente são os momentos de reflexão para uma abertura permanente ao processo de aprendizagem da profissão professor.

3. A PRÁTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE POR MEIO DE CURSO DE EXTENSÃO

O curso de extensão denominado Formação Docente: Desafios e Reflexões⁶, coordenado e ministrado por uma professora doutora de matemática do IFRS - Campus Osório, está registrado no Edital de Extensão de 2016 desse campus, e tem uma totalidade de 30 horas, inteiramente gratuito e todo o material enviado antecipadamente por e-mail antecipadamente e entregue impresso, se necessário na aula.

O projeto do curso foi submetido ao Edital em Janeiro de 2016 para iniciar inscrições em Fevereiro desse ano e as aulas/encontros em março de 2016, nas segundas terças-feiras de cada mês das 14h até às 16h nas salas desse campus, com 30 vagas, sendo 11 destinadas a à Prefeitura Municipal de Osório, em parceria, e as demais à comunidade do Litoral Norte. Para se inscrever, bastava ser professores ou educadores da Escola Básica, enviando um e-mail à gestora do curso com nome, número de CPF, e-mail, telefone, onde trabalhava e em que setor da escola.

Para ter a aprovação ou a certificação do no curso se faz necessário um mínimo de 75% de frequência e 90% de aproveitamento nas atividades, desde as presenciais até as a distância, sendo que dos dez encontros previstos apenas quatro eram a distância e podia ser presencial se houvesse interesse do grupo. Optou-se por alguns encontros serem a distância devido a deslocamentos dos professores, as atividades inesperadas na escola e também prevendo-se a possibilidade de haver algum imprevisto.

A metodologia do curso é baseada em encontros cada qual com uma temática. Assim, no primeiro dia há uma sondagem, identificação de algumas especificidades do grupo de participantes, e socialização como forma de aprendizagem. Os demais encontros acontecem na seguinte ordem: Tecnologias em Sala de Aula, Métodos Didáticos, Projeto de Aprendizagem, Avaliação, Eventos Temáticos e Temas Transversais, Brincadeira como ação de aprender a aprender, Planejamento. Em todos os encontros ocorre paralelamente uma reflexão do sobre ser professor e da sobre a profissão professor. O material é sempre compartilhado com a turma, primeiramente por e-mail, quer sejam só os textos, quer sejam as atividades. Nas aulas presenciais, discutem-se as ideias e se realizam-se as atividades, e nas a distância sempre se compartilham as construções de acordo com prazos de entrega.

Todos têm o direito de voz pelo simples fato de que no primeiro dia já foi explicado ao grupo que entende-se formação de professores como um momento de compartilhamento de ações sejam elas teóricas e/ou práticas., Desta forma, todos aprendem com os demais, e a maximização, se assim se pode apontar, ocorre quando todo o grupo está envolvido com suas ações e falar. É nas ações que se percebe o fazer e nas falas, o ser como delineado e diferenciado pelos participantes na introdução.

Em dois dias, a procura pelo curso foi de 100 inscritos e o único critério de seleção foi a ordem de inscrição. Portanto, das 25 vagas disponíveis inicialmente, ampliou-se para 30. Depois de uma semana, decorrido o prazo das inscrições, o número de inscritos chegou a 155. A aceitação é um elemento importante, pois evidencia que os professores procuram por formação continuada, e mais que eles se interessam e estão mobilizados a refletir sobre suas práticas de sala de aula.

Nas primeiras aulas presenciais, a sala estava lotada e com todos os participantes. No entanto, no primeiro encontro a distância, quando foi exigido que o professor dedicasse um tempo de estudo em

⁶ <http://www.osorio.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=1&sub=1969>

casa houve uma redução do grupo. Os professores que desistiram do curso me avisaram, já em maio de 2016, e destacaram como motivo a falta de tempo para estudar e também a dificuldade que estavam encontrando de conseguir dispensa das aulas na hora do encontro, pois parecia que sempre havia um imprevisto urgente na escola a ser resolvido somente naquele dia. Tal fato é preocupante porque em qualquer segmento que o professor atua, seja ele municipal, estadual, federal ou particular, ele tem direito por horas de formação e planejamento de acordo com nossa legislação de educação e profissional no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

Depois de junho de 2016, o grupo passou a se alternar, ou seja, uns cinco vinham para uma aula, e outro à outra, mantendo-se apenas dois sempre presentes, fato que considero triste e complexo e, por isso, precisa a ser analisado, uma vez que os professores estavam interessados e envolvidos com a temática. Entretanto, apesar de afirmarem gostar, o problema parece não estar relacionado com o curso e sua metodologia, mas sempre o tempo.

Em um dos encontros, questionou-se os presentes porque eles imaginavam que os colegas não estavam mais vindo e a maioria destacou duas opções: (1) dificuldade de ter tempo para estudar e se dedicar ao curso, resultando em desmotivação pelo excesso de trabalho do professor envolver não apenas atividades em sala de aula ou (2) grande o interesse do professor em se renovar no início do ano, porém, o convívio com os jovens de hoje e perceber o pleno desinteresse parece levar os professores a pensar que o esforço de formação deixa de ter razão de ser no sentido prático.

Essa constatação, apresentada pelos professores na turma, foi encaminhada aos professores que não estavam mais vindo em forma de questionamento e eles responderam apontando a última como a mais evidente a todos. Percebo esse fato como algo muito preocupante, pois a Escola Básica precisa de professores em permanente processo de formação docente para atender e tentar compreender a complexidade e incertezas que se vivemos atualmente em número cada vez maior, conforme Morin (1999).

Assim, dos 30 inscritos no início, atualmente são nove (9) ainda ativos e frequentando o curso. No final da aula do quarto encontro, em junho de 2016, propôs-se para que respondessem a questão: O que é ser ou fazer formação docente?, e que suas respostas fossem compartilhadas com os colegas. Isso resultou em oito (8) professores que entregaram com reflexões que vamos analisar neste artigo. Utiliza-se como metodologia o estudo de caso segundo Yin (2005), por se tratar de um curso específico em tempo, local e grupo, além de ter uma abordagem unicamente qualitativa, e também explorar dados possíveis de análise. O estudo, de caráter exploratório, pretende realizar uma análise qualitativa e compreender o que pensam os professores inscritos no curso de formação docente descrito acima.

4. DADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados deste estudo de caso são as falas dos professores cursistas durante as aulas e que foram anotadas pela professora ministrante e os registros escritos, ou seja, as respostas dos oito (8) participantes que responderam e compartilharam a atividade proposta. Os professores cursistas estão identificados nas análises como A, B, C, E, F, G, H, I, e a professora ministrante como Prof.

Apresenta-se a transcrição literal das falas e segmentos das escritas, em ordem cronológica, com o intuito de analisá-las em uma melhor construção do daquilo que se pretende ilustrar, ou seja, qual é a compreensão que esses professores expressam quanto ao que é formação docente.

Primeiramente, um diálogo em março, durante o primeiro encontro:

E: "Formação Docente é importante, mas há pouco tempo e oportunidades sem custos altos (...)"

H: "A Escola está muito sucateada e sempre fica tudo para o professor resolver e ter tempo até para formação se os alunos não querem nada (...)"

A: "Tento sempre me renovar e chamar a atenção dos pais, mas vejo que a Escola tem de mudar(...) e até as formações têm de ser mais alternativas a cada gosto de professor"

Analisando as falas acima, é possível perceber que há uma insatisfação quanto à valorização social da Escola, pois a fala da professora H se repetiu em outras falas de suas colegas professoras com mesmo teor. Similarmente, as falas de E e A são questões muito citadas pelos professores, ou seja, os custos dos cursos de formação docente quando de áreas específicas de seu interesse, por exemplo: Didática para as Ciências Exatas. Acrescenta-se a isso o apontamento que formações gerais com grande número de pessoas não chamam a atenção dos profissionais da educação, como expressam os professores durante as discussões nos encontros destacado pela professora B no segundo encontro:

"(...) não tenho mais paciência para formações tipo palestra de galera, só vou quando posso escolher oficinas e minicursos ou quando na escola a organização manda as temáticas e pode-se escolher, mas nada mais que duas horas apenas ouvindo (...) se os alunos não aguentam o que dirá nos (...)."

Da fala acima analisa-se um elemento destacado como monótono, isto é, aulas e palestras ou falas com mais de duas horas sem ter a ação do participante. Isso não significa uma palestra ou aula em que se possa fazer perguntas, mas sim uma atividade prática, ou realmente fazer para aprender como destaca Piaget (1973). E mais, para Morin (1999), as incertezas precisam ser praticadas para desconstruí-las e não somente teorizadas ou explanadas.

Os apontamentos destacados durante o curso são muitos, mas há ainda algumas falas em que os participantes discutem se a formação docente é ser ou fazer, e tal discussão decorre dos comentários deles. As falas que seguem são do quinto encontro:

C: "(...) o professor também precisa se dedicar um pouco para sua formação mesmo com a crise da educação, pois quando ele tornou-se professor a crise já existia (...)"

G: "Os professores de hoje às vezes parecem lamentar muito e daí porque não saem da escola se tudo está ruim? É porque não são professores por vocação, mas por falta de opção (...)"

I: "São sempre os mesmos professores que participam das formações e mudam e fazem algo diferente, e os demais só reclamam e se dão bem"

A: "Interessante que eu na formação me sinto professora e me orgulho, mas na sala me frustro porque não consigo colocar tudo em prática (...) gosto de participar, pois me anima (...)"

E: "Eu gosto de participar para daí fazer diferente na sala, mas nada muda em mim, pois acho que escolhi a profissão errada e agora não tem volta mas não onero os alunos...aprendo para eles (...)"

F: "Se eu não vou a cursos de formação e vejo que tem muita gente como eu já teria me aposentado, mas compartilhar desesperos me ajuda"

D: "Eu me reciclo e reciclo minha aula com cada formação, mesmo que um mínimo detalhe para saber que faço algo certo (...)"

A ideia do ser está associada a se mobilizar, motivar, consolar do professor com os demais, e a do fazer é que a formação proporcione uma reflexão sobre a prática no sentido de fazer algo diferente, de mudar sua aula, de variar atividades e de compartilhar ideias que dão certo e não sabia até o momento da troca com colegas.

A seguir, dois recortes dos professores quanto à resposta da pergunta proposta como atividade:

Na atividade da Professora C, selecionou-se o seguinte trecho da sua escrita:

“Fiz muitas leituras de artigos e livros para fazer esta atividade e em particular preocupo-me muito em como escrever o que penso para todos entenderem...assim vou tentar:

Para o autor Nóvoa (1995, p.24), a ação de formar professores pode alterar sua personalidade como profissional a ponto de “desempenhar um papel importante na configuração” do ser docente. Para tal este autor aponta da necessidade de um trabalho mais livre, e um investimento pessoal gradual e criativo.

Ainda para este autor na página 25 destaca que a **formação não se dá por “acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas)”, porém por meio de um trabalho que contemple reflexão e crítica, por meio dessa se construiu um novo ser e uma nova identidade.**

O profissional professor tem o dever de **buscar uma contínua formação e não esperar pela escola.** (...) o desafio emergente da formação **se dá na ação de sala de aula, na prática pedagógica.**” (Negritos da professora C)

Inicialmente é possível observar a valorização que a professora C dá à a formação docente. De fato, essa questão era uma atividade simples de um curso de formação, ou seja, não era seu trabalho final, por exemplo, mas a professora se empenhou em ler mais referências para embasar suas ideias. O recorte apresentado acima destaca alguns elementos comuns a outros professores e foram grifados por mim com o destaque em negrito. Dentre eles aponta-se a associação que o professor deve buscar a formação independente da gestão da escola ou qualquer outra obrigação, e sim para aprimorar sua identidade profissional e que dessa forma você escreve sua própria prática social.

Outro elemento muito importante que se destaca é a necessidade de existir reflexão num processo de formação docente, senão pouco agrega à a sua prática de sala de aula. Esse ponto foi destacado por todos os professores, bem como foi e muito enfatizado que participar de palestras para grande número de pessoas não agrega valor, e que formação é momento de refletir logo com grupos pequenos e em torno de uma temática. Um exemplo disso é dado pela professora I ao sugerir que a supervisão escolar faça reuniões quinzenais por área de conhecimento e alterne com reuniões por turma para viabilizar projetos diferenciados.

Ao ler o recorte da Professora G percebem-se outros elementos, como segue:

“Em tempos de mundo globalizado, alunos conectados, ser professor é um desafio muito grande. **Qualquer pessoa pode graduar-se e ir para a sala de aula, mas ser professor é bem diferente.** Tu podes transmitir tudo que na vida acadêmica aprendestes, regras, fórmulas, convenções, todo o conhecimento e os saberes, mas **dar sentido a tudo isso está longe da realidade vivida em algumas salas de aula.** A resposta para esta minha inquietação sempre foi uma só...o **problema está na formação!!!** Sim, a formação de nossos professores deixa muito a desejar...

Analisando por este prisma acredito que a **formação docente deve ser uma constante na vida de um profissional que está em sala de aula e perpassa ali a tão esperada construção do conhecimento e não a simples reprodução.**

O professor necessita de suporte “técnico” para dar conta de todas as mudanças que voam com a velocidade da luz. É o aprender e aprender constantemente, mas de nada adiantará **este aprender se não for colocado em prática de forma** que seja desenvolvido um trabalho de

reflexão, de colocar em questão os porquês e os para quê? Renovar-se a todo o momento é necessário, (...)” (grifos dos autores deste artigo baseados na apresentação oral da professora G do seu trabalho)

O recorte na resposta da Professora G destaca a necessidade do professor se renovar sempre. E paralelamente há uma leitura crítica à formação docente que de nada serve se o professor não refletir e colocar em ação na sua prática. Tal ponto foi destacado por outros participantes do curso. Aliás, destacado não apenas por professores, mas também por supervisores e demais educadores da escola que dizem ter muitos colegas que passam fazendo formação, mas suas aulas são as mesmas há cem anos.

Outro elemento destacado em negrito na fala da professora é a questão de que a formação inicial – a graduação – é carente de atender o que o professor realmente precisa para atuar em sala de aula nos dias de hoje além do saber específico escolhido por ele como matemática, história e outros. Tal constatação quanto à formação docente que os cursos de licenciatura proporcionam ser carente foi muito discutida em sala de aula quando da primeira temática explorada no curso de extensão sobre a socialização como uma forma de aprender a aprender., Observou-se que os participantes desconheciam a conceituação dada a ação de socializar, seja na área da sociologia como na área da psicologia, e seu primeiro contato por meio de exemplos bem simples da realidade da região em que o curso foi realizado, litoral norte do Rio Grande do Sul, fez com que muitos se surpreendessem. Houve, inclusive, uma estudante de Licenciatura em Educação Física, que já atua como professora da educação infantil, que afirmou nunca ter lido textos “com tal informação tão interessante para trabalhar nas aulas de educação física” [sic].

A ideia da professora G, que também é supervisora escolar da sua escola em um dos turnos de trabalho, com relação à reprodução de conhecimento ainda ocorrer em sala de aula nos tempos de hoje, é destacada por outros colegas nessa atividade. Muitos apontaram que há colegas que são conteudistas e apenas se preocupam com o transmitir informação. Vale destacar o que disse a professora B na sua atividade: “A informação hoje é dada pela internet, busca quem quer, a escola precisa ter um diferencial quanto a essa informação. Eu sempre procuro deixar que os alunos tragam as informações e eu crio reflexões sobre elas (...)”. Tal afirmação encontra suporte nas ideias de Freire (1996), Piaget (1977), Morin (1999) pelo fato de que a escola deve proporcionar momentos de descobertas além de uma informação pronta aos sentidos, e, para esses momentos serem aprendizados, o professor precisa dialogar com o estudante para entender o que essa informação lhe diz e, por meio de perguntas, criar momentos de abstração.

Escolheu-se esses dois recortes pelo fato de o primeiro enfatizar a formação docente como uma responsabilidade do ser professor, e o segundo o fazer professor, mas embriagado de ser, logo não há como dizer se formação docente é ser e/ou fazer, mas sim um entrelaçado entre ser e fazer docente tanto como pessoa como profissional.

Na verdade, essa era a ideia por trás da atividade, pois de nada adianta tanta lamentação quanto à profissão, por exemplo, se você a escolheu, e se pouco luta por sua mudança, paralelamente, não pode pensar que tudo faz parte e está bom assim, pelo fato de que sabemos e estudamos que pode-se fazer mais pela educação na Escola Básica, então faz-se todo o possível de cada um, e cada um com seu ser se constrói e reconstrói sempre que desperta-se para uma curiosidade, reflexão crítica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente falar de formação docente é sempre polêmico e emergente, além disso, não há senso comum ao pensar em como deveriam ser os momentos de formação docente. A essa temática associa-se a valorização social do profissional professor e isso está bastante desgastado hoje em dia, por inúmeros motivos, sendo também exigido desde familiares até políticas já legisladas. Neste sentido, o delineamento do artigo é se propõe a fazer pensar sobre alguns momentos de formação docente que ocorreram no curso de extensão e que muito podem contribuir para o seu fazer docente e compartilhados com os demais colegas professores.

Assim, aponta-se que é uniforme e unânime que os professores necessitam de formação docente, sob vários aspectos sejam eles específicos para sua sala de aula como área de conhecimento, como para atender as novidades das gerações de hoje. Essa formação também poderia abranger áreas não contempladas em suas graduações, como por exemplo, a lei do bullying, questões de gênero, multiculturas, e outros.

Outro ponto comum destacado pelos professores é que a supervisão escolar é um elemento transformador na sala de aula, pois auxilia a rever conceitos, pode proporcionar momentos de formação, e viabiliza uma atenção docente, às vezes, necessária que o professor está perdido e não se “encontra” com a diversidade de uma turma ou outra. Em situações como essas, uma conversa com a supervisora e umas dicas do que fazer e como ser e agir, mobiliza e ajuda o professor a mudar sua prática social e de sala de aula.

A carência de formação docente percebida pelos participantes do curso quanto à sua graduação é um fator emergente, levando a questionar se as licenciaturas não estão atendendo pontos importantes do ser e fazer docente independente da área do conhecimento. Por outro lado, pode-se analisar que as diversidades e demandas sociais quanto à escola estão surgindo e aumentando tanto que fica a pergunta: será que nem as graduações e nem as formações docentes conseguem atender a necessidade do professor de sala de aula? Isso é uma questão a ser pesquisada e analisada posteriormente, mas a constatação de que é insuficiente já é um dado para que se invista cada vez mais em formação docente, seja por iniciativa do docente como da escola.

Por fim, mas não menos importante, os participantes concluem que a formação docente é um processo permanente e será sempre uma temática atual, pois somente através por meio da formação docente que se proporciona melhor qualidade de educação, e também um ambiente escolar mais salutar já que a escola é composta de pessoas para as pessoas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONA, Aline Silva De. **Espaço de Aprendizagem Digital da Matemática:** o aprender a aprender por cooperação. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

BONA, Aline Silva De. **Ações de Investigação na Aula de Matemática.** In: XV Encontro Nacional de Educação Matemática, Curitiba, Paraná, p. 1-15, 2013.

BONA, Aline Silva De; PARAVISI, Marcelo. **O WhatsApp**: um espaço de construção pedagógica e de gestão escolar. Revista Thema - IFSUL, v.13, n.1, 2016, p.15-23. Acesso: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/350/187>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973

PIAGET, Jean. **Abstração Reflexionante**: relações lógicas - aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artmed, 1977

MORIN, Edgar. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRRN, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professores**. 2. ed., Porto Editora, Porto, 1995.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2005.